



ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO COMPARADA: CONTRIBUIÇÕES PARA PESQUISAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Flávia Martinelli Ferreira²

Ingrid Dittrich Wiggers³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o percurso de estabelecimento da Antropologia e a trajetória da Educação Comparada. Para tanto, foram estudados autores que contribuem com o entendimento destes caminhos e versam sobre suas constituições desde seu início, compreendendo também mudanças ao longo deste trajeto. Possibilidades de contato entre estes campos colaboram com a produção de novas pesquisas em Educação Física, a partir da dimensão do Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Antropologia; Educação Comparada.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, observamos iniciativas pioneiras que tangenciam os estudos comparados no campo da Educação Física (EF) (BRACHT; CRISORIO, 2003; MELO, 2007; SILVA; BEDOYA, 2015). Além de buscar uma perspectiva mais abrangente dos fenômenos, tais trabalhos produzem conhecimentos sobre o Outro e, por outro lado, sua capacidade heurística exige aperfeiçoamento e sofisticação teórico-metodológica. Consideramos que o estudo das relações entre o campo da Antropologia e o campo dos Estudos Comparados em Educação, poderá oferecer subsídios para o desenvolvimento e possível ampliação de tais iniciativas. Nesta direção, empreendeu-se a discussão de ambos os campos e suas relações, a partir da dimensão do Outro. Ultrapassar diversas fronteiras disciplinares ofertadas pela possibilidade do contato com outras áreas pode contribuir com a complexidade e diversidade teórico-metodológica dos estudos comparados (AMARAL, 2015). Neste sentido, a multiplicidade de vozes emergentes das tentativas de compreensão do Outro colabora com o arranjo da EF como um campo acadêmico sobretudo constituído por estas diferenças.

A noção de campo científico, por sua vez, é descrita por Bourdieu (1983) como um campo social que é permeado por relações de força, lutas, estratégias e interesses, sendo revestido por estas variáveis de uma forma particular. Amparada na teoria dos campos, Manzon (2009) questiona a constituição da Educação Comparada (EC)

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES com a concessão de bolsa de doutorado.

² Universidade de Brasília, flaviamartinelli@uol.com.br

³ Universidade de Brasília, ingridwiggers@gmail.com

refletindo sobre suas representações, estratégias e interesses, entendendo que a construção de suas infraestruturas e de suas definições intelectuais são permeadas por relações de poder envolvendo diferentes discursos, além de estruturas sociais e agentes que intervêm em sua constituição como um campo científico.

A Antropologia pode ser destacada, de modo análogo, como um campo de estudos e pesquisas que é fundamentalmente comparativo. Quando abordamos a pesquisa etnográfica estamos tratando de possibilidades e de limites da etnografia em dois momentos distintos: “[...] o passado e o presente dos grupos ou sociedades que estudamos e de nós próprios como sujeitos em relação no processo de pesquisa” (GUSMÃO, 2015, p. 26).

Atendendo ao exposto, este trabalho teve como objetivo esclarecer trajetórias adotadas ainda no século XIX por antropólogos e comparatistas, elaborando considerações sobre seus desdobramentos nos dias atuais em busca da compreensão do Outro e, por consequência, de si próprio. Entendendo que este percurso pode elucidar as contribuições destes campos para as pesquisas em EF, pretendemos aprimorar suas possibilidades de diálogo.

2 DA ANTROPOLOGIA DE GABINETE À ANTROPOLOGIA INTERPRETATIVA

O início do percurso adotado pela Antropologia no século XIX é marcado por observações realizadas especialmente em gabinetes e varandas. A Antropologia “de gabinete” era considerada, nesta época, suficiente para coletar dados e elaborar considerações sobre as sociedades ditas primitivas (PEIRANO, 1995). De tal modo, a Antropologia do século XIX estabeleceu como objeto de estudo sujeitos geograficamente distantes, historicamente anteriores e culturalmente desiguais, evidenciando uma distinção entre a relação dos sujeitos com seus objetos de pesquisa que já perpetuava nas Ciências da Natureza (CLIFFORD, 2002; LAPLANTINE, 2009).

Neste mesmo contexto, surge uma Antropologia considerada como “de convés”, na qual os antropólogos navegavam ao encontro do Outro e sentavam-se em mesas nas varandas das casas de oficiais da colônia ou de missionários (PEIRANO, 1995). A preocupação com a coleta de dados *in loco* surge somente na virada do século XX, com as pesquisas de Malinowski (1976)⁴, Boas (2010)⁵, entre outros. *In loco*, os antropólogos que se inseriam nestas sociedades que consideravam exóticas começaram a notar certa lógica que ordenava as ações destes sujeitos. Para Brandão (1987), o que Malinowski criou convivendo com os nativos das Ilhas Trobriand foi uma nova atitude diante destes homens. Neste sentido, para a Antropologia, compreender o Outro não se resume somente ao estudo de sociedades diferentes e distantes, mas exige a análise e a interpretação destes grupos e de nossa própria sociedade que se torna também um objeto de estudo.

Um “olhar antropológico” foi delineado posteriormente por Laplantine (2009) considerando que as ações destes sujeitos, tanto quanto pareçam estranhas ou familiares, estão relacionadas à lógica que ordena suas ações. Contudo, para Cardoso de Oliveira (2002) olhar somente não alcança os significados constituídos a partir das relações entre os seres humanos e, portanto, devemos estabelecer uma

4 Este livro foi publicado originalmente em 1922.

5 Este livro foi publicado originalmente em 1911.

“domesticação teórica do olhar” que forneça as lentes necessárias para desvendar estes significados.

Atualmente, é necessário que os antropólogos sejam capazes de completar este movimento de interpretação – das descrições particulares ao contexto geral – para que os relatos etnográficos sejam, de fato, estabelecidos. Sem esta contextualização, capaz de ilustrar a representatividade dos fatos, a pesquisa não acrescentará novas reflexões acadêmicas ao tema proposto (FONSECA, 1999; GEERTZ, 2001).

3 PERCURSO DA EDUCAÇÃO COMPARADA

O surgimento da EC é datado ainda no século XIX, por intelectuais que perambulavam pela Europa em busca de sistemas nacionais de Educação e das organizações educacionais capazes de apresentar modelos que seriam, posteriormente, emprestados e copiados. De modo semelhante o campo da Antropologia, os fundadores do comparatismo elaboraram concepções e métodos amparados também em concepções positivistas. Por isso, a EC, no início de sua trajetória, buscava entender e definir leis universais sobre abordagens pedagógicas e sobre o funcionamento de sistemas educativos nacionais (MALET, 2004).

Somente no começo do século XX, comparatistas elaboraram advertências sobre a importação de modelos educacionais observados em outros contextos sem a devida cautela por parte destes pesquisadores (MALET, 2004). Segundo o autor, estas precauções evitariam que os comparatistas observassem sistemas educativos ao redor do mundo e implementassem estes modelos esperando os mesmos resultados obtidos nos lugares observados.

A EC possui uma trajetória marcada por diferentes tendências ao longo de sua constituição. Seu início é marcado por um longo período de tensões que não foram resolvidas, acompanhado posteriormente de um enfraquecimento, quando buscou satisfazer as exigências teóricas e conceituas em âmbito acadêmico. Em seguida, surge renovada na última década a partir de novos desafios e de novas necessidades que decorrem dos fenômenos educacionais. As trajetórias dos comparatistas, portanto, foram marcadas por tensões internas entre os defensores de pesquisas comparadas, que extrapolam os quadros nacionais e outros que, diferentemente, entendem a necessidade de que as comparações contribuam estritamente em realidades culturais e econômicas locais (MALET, 2004).

Os processos que acarretam no conhecimento do Outro e de nós próprios, no entanto, implicam em confrontos que ultrapassam as fronteiras do conhecimento e sugerem comparações de nós com aquilo que enxergamos no Outro (FRANCO, 2000). Os postulados da diferença no campo da EC são permeados ou, por sentimentos de superioridade, ou, por outro lado, reconhecimentos de igualdade que levam à negação do Outro e à aculturação. Na atualidade, o desafio posto para os comparatistas tem o objetivo de tornar inteligíveis historicamente os processos carregados de sentido e identidade que são delineados pelo Outro, tendência esta nomeada por Malet (2004) como histórico-hermenêutica.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com as trajetórias aqui explicitadas, pretendemos apontar contribuições e contradições que permearam este percurso e suas mudanças ao longo deste trajeto.

De tal modo, antropólogos e pesquisadores comparatistas estão interessados no ímpeto de tornar compreensíveis as práticas pedagógicas e as diversas possibilidades de organização do campo educacional em diferentes sociedades, com o intuito de conhecer também, a si próprios.

Tradicionalmente, a Antropologia possui ampla responsabilidade no estabelecimento de diálogos com diferentes culturas e sociedades. Se a Antropologia pode ser considerada responsável no início de sua trajetória pela legitimação da discriminação entre povos, como apontamos, foi ela também a primeira empenhada em discutir e compreender o Outro, elaborando questões acerca da diferenciação e da alteridade.

De maneira similar, a lógica implacável que penetrou o campo dos EC ameaçou sufocar as diferenças entre os seres humanos, até que os comparatistas se depararam, nas últimas décadas, com a figura do Outro (MALET, 2004). Os fenômenos globalizantes e a “europeização” pretendida são responsáveis, segundo o autor, pelo ocultamento das identidades e dos sentidos presentes nos discursos educacionais. O componente central das pesquisas em educação desempenhadas pelos comparatistas e pelos antropólogos, neste sentido, seria a compreensão do Outro.

Analisando as trajetórias aqui explicitadas bem como a presença ou escassez do Outro nestes percursos, buscamos compreender estas peculiaridades e contribuir com novos entendimentos para as pesquisas em EF. Como destacamos, os rumos tomados atualmente nos permitem considerar os discursos sobre o Outro e feitos pelo Outro, envoltos em contextos sociais e educacionais mais amplos e complexos.

ANTHROPOLOGY AND COMPARATIVE EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO RESEARCH IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: This paper aims to understand Anthropology and Comparative Education's establishment. Therefore, authors were studied due to their contributions to these paths' comprehension and the constitutions of these fields from the beginning until the present with changes along this path included. Innumerable possibilities of contact from the acknowledgment's contributions of these fields collaborate for new investigations' production in Physical Education.

KEYWORDS: Physical Education; Anthropology; Comparative Education.

ANTROPOLOGÍA Y EDUCACIÓN COMPARADA: CONTRIBUCIONES A LAS INVESTIGACIONES EN EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo comprender el camino de establecimiento de la Antropología y de la Educación Comparada. Para tal, se estudiaron autores que contribuyen al entendimiento de estos caminos y versan sobre sus constituciones desde su inicio y presentan cambios a lo largo de este trayecto. Innúmeras posibilidades de contacto a partir del reconocimiento de las contribuciones de estos campos colaboran para la producción de nuevas investigaciones en Educación Física.

PALABRAS CLAVES: Educación Física; Antropología; Educación Comparada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. Tendências, desafios e potenciais da educação internacional e comparada na atualidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: v. 96, n. 243, p. 259-281, 2015.

- BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo**. São Paulo: Vozes, 2010 [1911].
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.
- BRACHT, V.; CRISORIO, R. (Orgs.). **A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2003.
- BRANDÃO, C. R. A antropologia social. In: MARCELLINO, N. C. (Orgs.) **Introdução às Ciências Sociais**. Campinas: Papyrus, 1987, p. 41-50.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2000.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, jan-abr, n. 10, 1999.
- FRANCO, M. C. Quando nós somos o outro: questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. **Educação & Sociedade**, n. 72, ago, 2000.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GUSMÃO, N. Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 21, n. 44, jan/abr, 2015, p. 19-37.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 21 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].
- MALET, R. Do Estado-Nação ao Espaço-Mundo: as condições históricas da renovação da educação comparada. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n.9, set/dez, 2004, p. 1301-1332.
- MANZON, M. **Comparative education: the construction of a field**. Hong Kong: Comparative Education Research Centre, The University of Hong Kong, and Dordrecht: Springer, 2009.
- MELO, V. A. (Org.) **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SILVA, A. M.; BEDOYA, V. M. (Orgs.). **Formação profissional em educação física na América Latina: encontros, diversidades e desafios**. Jundiaí: Paco, 2015.